

EMPREENDEDORISMO – II

Raymundo Pinto

Publiquei na sexta-feira dia 11, aqui na Tribuna, um artigo com o mesmo título acima. Havia redigido na semana anterior e, por coincidência, o assunto foi tratado no programa “Aprovado” da TV Bahia no domingo dia 6. Na oportunidade, foi entrevistado o Sr. Edival Passos, coordenador do escritório do Sebrae em Salvador. A referida entidade presta relevantes serviços aos micros, pequenos e médios empresários, na forma de orientação e assistência técnica, cursos, entre outros tipos de apoio. Trata-se, pois, de uma das poucas iniciativas governamentais na área de incentivo ao empreendedorismo. Constatando que o tema é bem atual e tem despertado, em especial, forte interesse dos jovens que se recusam a ser empregados ou fazer concurso para ingressar no setor público, decidi agregar, num segundo artigo, mais algumas considerações em torno dele.

Insisto em afirmar que os responsáveis pela elaboração dos currículos escolares parecem que têm verdadeira aversão ao mundo dos negócios. No ensino fundamental, principalmente a partir da 5ª série (que corresponde hoje ao antigo ginásio), os estudantes já possuem relativa maturidade para absorver conhecimentos bastante úteis a fim de enfrentar a dura realidade prática da vida. Muita gravidez indesejada e diversas doenças seriam evitadas se os adolescentes recebessem lições a respeito da sexualidade. A juventude, nessa fase crucial da existência, quase nada aprende sobre controle das finanças domésticas, como iniciar pequenos negócios e noções relacionadas ao exercício de profissões mais modestas ou técnicas. Os nossos “experts” em educação – que quase sempre tiveram a oportunidade de frequentar boas escolas e faculdades – dão a impressão de entender que *todos* os alunos do primeiro e segundo graus apenas devem se preparar para alcançar um curso superior. Na verdade, muita gente não sente vocação para aprofundar os estudos e desiste de continuar. Parte considerável até tenta o vestibular, mas não obtém aprovação. Esses desistentes ou derrotados vão inflar a legião dos frustrados.

Instituições como o Senac e o Senai preparam e formam numeroso contingente de pessoal de nível médio para trabalhar no comércio e na indústria. O ex-presidente Lula gaba-se de ter aprendido a ser torneiro mecânico frequentando um dos treinamentos oferecidos. O Brasil acelerou ultimamente o desenvolvimento econômico e já registra a falta de mão de obra qualificada, o que demonstra a necessidade de ampliar os chamados cursos profissionalizantes. Não basta, porém, somente preparar futuros empregados de médias e grandes empresas. Os governantes e seus assessores do campo educacional devem também pensar em instituir, no segundo grau, cursos voltados para ensinar noções básicas de administração, compreendendo as diversas áreas (finanças, pessoal, material, *marketing*, etc). Seriam destinados aos que, sem nenhuma inclinação para as carreiras técnicas, revelassem forte vocação no sentido de criar seu próprio negócio. Observe-se que, no nosso país, o estudante apenas toma contato com disciplinas ligadas à administração se fizer um curso superior dessa especialidade. Como afirmado no início destas linhas, o Sebrae cumpre, em parte, tal objetivo, mas de modo limitado.

Em minhas andanças nesta Capital e em cidades do interior, tem me despertado a atenção o crescimento assustador dos vendedores ambulantes, também conhecidos como “camelôs”. Eles invadem calçadas (que nós baianos chamamos “passeios”), ocupam lugares inconvenientes, atrapalham a passagem dos pedestres e exercem uma atividade na qual a sonegação de impostos é a regra. É evidente que a grande maioria foi ser um minúsculo negociante – e não caiu na marginalidade – como meio de sobrevivência, por falta de opção. São, em geral, analfabetos ou de parca instrução. Fico imaginando quantos deles, se recebessem uma educação adequada, seriam ousados empreendedores, que pagariam impostos e teriam a possibilidade de criar enorme quantidade de empregos para cidadãos humildes que não possuem a vocação para ser empresário ou exercer atividade autônoma.

Por enquanto, o termo “empreendedorismo” circula em ambientes restritos, notadamente nas Faculdades de Administração de Empresas e, como visto, passou a ser um tema de interesse de órgãos

de assistência técnica a exemplo do Sebrae. Urge, todavia, que as idéias que inspiraram o movimento se difundam com mais intensidade e empenho, em especial, as autoridades educacionais.

Raymundo Pinto, desembargador aposentado, é escritor, membro da Academia Feirense de Letras e da Academia de Letras Jurídicas da Bahia.

Publicado na Tribuna da Bahia de 25/2/11